



Reflexões sobre gêneros radiojornalísticos: um olhar sobre o programa Rádio Debate¹

Camila Maria Torres MEDEIROS²
Raimundo Nonato de LIMA³

Resumo

Este artigo faz parte do processo de construção de uma monografia em Jornalismo que vai estudar o debate radiofônico. Para tanto, dialoga-se, aqui, com diversos autores sobre o conceito de gênero nos campos da comunicação e da linguagem, dentre os quais M. Bakhtin (2000), Marcuschi (1998), Koch (1997), Charaudeau (2007) e Barbosa Filho (2003). São feitas algumas considerações sobre a conversação nos gêneros debate e entrevista radiofônica. Por fim, a partir dos conceitos apresentados e discutidos, lança-se um olhar sobre o programa Rádio Debate, veiculado na Rádio Universitária FM 107,9 MHz, de Fortaleza.

Palavras-chave: debate; entrevista; gêneros; radiojornalismo; Rádio Debate.

1. Introdução

O presente trabalho tem como foco o debate radiofônico e articula conceitos das áreas da comunicação e da linguagem para desenvolvimento de uma análise do programa Rádio Debate, veiculado, de segunda a sexta-feira, das 11h30 à 12h30, na Rádio Universitária FM 107,9 MHz, de Fortaleza. Aqui, será feito um recorte da monografia de conclusão do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, em fase de conclusão, na Universidade Federal do Ceará.

Para isso, vai ser utilizado o aporte teórico do filósofo russo Mikhail Bakhtin e dos linguistas Luiz Antônio Marcuschi e Ingedore Villaça Koch. Também utilizaremos as ideias de Patrick Charaudeau, bem como as do pesquisador André Barbosa Filho, dentre outros.

2. Uma questão de gênero

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 14 a 16 de junho de 2012.

² Estudante de graduação do 8ª semestre do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC). Email: camilamt@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará (UFC).



Afinal, o que chamamos de gênero? A pergunta, aparentemente fácil, possui várias respostas diferentes e ampla discussão numa extensa literatura. Segundo o jornalista e pesquisador André Barbosa Filho,

falar em gêneros implica, invariavelmente, incursões nos debates que o tema suscitou ao longo da história. A literatura, a comunicação social (principalmente o jornalismo e o rádio), a arquitetura utilizam o termo gênero para definir tipologias específicas. Dimensionar seu conceito tautológico é uma questão que vem atormentando os filólogos ao longo dos tempos. (2003, p.51)

Patrick Charaudeau conta que a noção de gênero já vem sendo debatida há certo tempo e agrega vários usos, incluindo a categorização de textos midiáticos, que engloba os suportes impressos, televisivos e radiofônicos.

Originária da retórica antiga e clássica, abundantemente utilizada pela análise literária com múltiplos critérios, retomada pela linguística do discurso a propósito de textos não literários, essa noção [de gênero] também está presente na análise das mídias, acompanhada de qualificativos que a especificam segundo o suporte midiático: os gêneros jornalísticos (entenda-se a imprensa escrita), os gêneros televisivos, os gêneros radiofônicos. (2007, p. 203)

O professor e pesquisador Arlindo Machado, na obra *A Televisão Levada a Sério* (2001, p. 67), afirma que, nas últimas décadas, a noção de gênero tem sido questionada por estruturalistas e pós-modernos, para os quais, segundo o autor, “esse tipo de discussão se tornou uma coisa anacrônica, quando não irrelevante”. Machado ressalta que isso, geralmente, é atribuído a gêneros literários. O autor, então, se pergunta:

Acabaram-se realmente os gêneros (e, por extensão, todas as classificações que nos permitiam vislumbrar um pouco de ordem na selva da cultura) ou os nossos conceitos de gênero já não são mais suficientes para dar conta da complexidade dos fenômenos que agora enfrentamos? (2001, p. 68)

Machado prefere recorrer a um conceito bastante adaptável, que pode se adequar a um mundo em expansão e de rápida mutação. Ele cita um conceito de Mikhail Bakhtin e o considera a teoria do gênero mais aberta e mais adequada ao nosso tempo, ainda que Bakhtin tenha se referido ao campo linguístico e literário.

Para o pensador russo, gênero é uma força aglutinadora e estabilizadora dentro de uma determinada linguagem, um certo modo de organizar ideias, meios e recursos expressivos, suficientemente estratificado numa cultura, de modo a garantir a comunicabilidade dos produtos e a continuidade dessa forma junto às comunidades futuras. (MACHADO, 2001, p. 68)

A partir do conceito de Bakhtin, Machado considera que o gênero orienta todo o uso da linguagem no âmbito de um determinado meio, “pois é nele que se manifestam



as tendências expressivas mais estáveis e mais organizadas da evolução de um meio, acumuladas ao longo de várias gerações de enunciadores” (2001, p. 68).

No entanto, Machado ressalta que o gênero não deve ser considerado conservador por guardar características de várias gerações. O autor argumenta que, por estarem inseridas na dinâmica de uma cultura, as tendências que preferencialmente se manifestam num gênero não se conservam para sempre: elas estão em contínua transformação no mesmo instante que buscam garantir uma certa estabilização.

Para Maria Margarita Velez,

[...] um determinado texto, literário ou jornalístico, só pode ser reconhecido como tal se tem outros textos anteriores e paralelos a ele, com os quais possa ser comparado, se se tem um panorama de textos ante os quais seja possível seu reconhecimento. Assim: um drama é um drama porque não se parece com uma comédia, mas com outro drama.⁴

De acordo com André Barbosa Filho, a dinâmica do processo comunicativo sugere que os gêneros sejam transitórios e que exista criação em cima da produção de textos. O autor afirma que na literatura há um consenso entre os teóricos de que os gêneros mudam conforme a época, bem como o enunciado do texto e o público receptor. No entanto, Barbosa Filho mostra que o mesmo não se aplica ao jornalismo, cujo movimento é muito lento e os gêneros são recorrentes nas formas, quase invariáveis no percurso da história.

A premissa mostra que na literatura o novo é festejado e recebido como vanguarda; ao contrário do jornalismo, que dá indícios de receber o novo com receio, mesmo quando os textos se modificam na rotina de produção da notícia e os rótulos que os identificam, ficam sem sentido. (2003, p. 206)

O autor atribui a invariabilidade dos gêneros jornalísticos ao tradicionalismo, ratificado pelos manuais de redação, pelos pesquisadores respeitáveis e pelos jornalistas, que na prática profissional do dia-a-dia não percebem que estão fazendo o texto de maneira diferente.

Patrick Charaudeau, que se dedicou a estudar os gêneros dentro do contexto comunicacional, define o gênero de informação midiática como “o resultado do cruzamento entre um tipo de *instância enunciativa*, um tipo de *modo discursivo*, um tipo de *conteúdo* e um tipo de *dispositivo*” (2007, p. 206).

Segundo Charaudeau, a *instância enunciativa* caracteriza-se pela origem do sujeito falante e seu grau de implicação. O sujeito poderia fazer parte da própria mídia

⁴ VELEZ, 1985 apud BARBOSA FILHO, André. Gêneros Radiofônicos: os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 58.



(um jornalista, por exemplo) ou não (um político, um especialista, uma personalidade convidada a falar-escrever na mídia), identificado como autor do texto, de maneira escrita ou oral (2007, p. 206-207).

Já o *modo discursivo*, segundo o autor, transforma o acontecimento midiático em notícia, atribuindo-lhe propriedades que dependem do tratamento geral da informação. São três os modos discursivos categorizados por Charaudeau: “relatar o acontecimento”, “comentar o acontecimento” e “provocar o acontecimento”. Nessas categorias, por exemplo, a reportagem seria um “acontecimento relatado”, o editorial um “acontecimento comentado” e o debate um “acontecimento provocado” (2007, p. 207).

O *conteúdo temático* constitui o macrodomínio abordado pela notícia, como um acontecimento de política nacional ou estrangeira, um acontecimento esportivo, cultural etc (CHARAUDEAU, 2007, p. 207). Para o autor, é da combinação entre modo discursivo e tema que se pode distinguir subgêneros.

Por último, Charaudeau falou em *dispositivo*, que traz especificações para o texto e diferencia os gêneros de acordo com o suporte midiático (imprensa, rádio, televisão), devido a sua materialidade. Essa diferenciação permite, por exemplo, distinguir uma entrevista radiofônica de uma entrevista televisionada.

O filósofo russo Mikhail Bakhtin, quando fala sobre os gêneros do discurso em *Estética da Criação Verbal*, afirma que o enunciado reflete as condições específicas e as finalidades das várias esferas da atividade humana (2000, p. 279). De acordo com Bakhtin, três elementos fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado e são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação: conteúdo temático, estilo e construção composicional.

O filósofo afirma: “Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso” (2000, p.279).

Fazendo a mesma analogia que Nonato Lima (2002, p. 24) fez para a notícia radiofônica, podemos dizer que o debate e a entrevista radiofônica reúnem os três elementos citados acima: conteúdo temático, estilo e construção composicional, constituindo, portanto, um tipo de enunciado estável, formando, no âmbito do radiojornalismo, dois gêneros cuja função básica é aprofundar os acontecimentos veiculados pelas notícias, trazendo as ideias e os pensamentos de pessoas diretamente envolvidas na temática.



Para resumir nossas ideias em relação aos gêneros jornalísticos em geral, cabe o pensamento de André Barbosa Filho:

[...] os gêneros, relacionados à área de comunicação, podem ser entendidos como unidades de informação que, estruturadas de modo característico, diante de seus agentes, determinam as formas de expressão de seus conteúdos, em função do que representam num determinado momento histórico. (2003, p. 61)

3. A conversa, a entrevista e o debate radiofônico

No presente trabalho, focamos em dois gêneros do âmbito do radiojornalismo, que constituem o programa Rádio Debate: a entrevista e o debate. Ambos possuem uma característica que os unem fortemente: a conversação. O linguista Luiz Antônio Marcuschi considera a conversação a prática social mais comum no dia-a-dia do ser humano. Para o autor, ela desenvolve o espaço privilegiado para a construção de identidades sociais no contexto real, sendo uma das formas mais eficientes de controle social imediato. Ele afirma que para realizar uma conversação, exige-se uma grande coordenação de ações que exorbitam a simples habilidade linguística dos falantes (MARCUSCHI, 1998, p. 5).

A também linguista Ingedore Villaça Koch considera a conversação de maneira ampla, abrangendo não só os eventos de comunicação cotidiana, mas também os que fazem parte do exercício de uma profissão ou ocorrem no interior das instituições (1997, p. 67). Ela destaca algumas características próprias da interação face a face: ela seria “relativamente não planejável de antemão”, devido a sua natureza interacional; o texto falado se apresentaria em processo de construção; o fluxo discursivo apresentaria descontinuidades frequentes; e, por fim, o texto falado apresentaria uma sintaxe característica (1997, p. 69).

A autora ressalta que, ao contrário do que ocorre com os textos escritos, o texto falado emerge no próprio momento da interação. No texto escrito é possível ter maior tempo de planejamento, fazer rascunho e proceder a revisões. Já no texto falado, ele é o próprio rascunho (KOCH, 1997, p. 69).

Com pensamentos que quase parecem referir-se diretamente ao debate radiofônico, Koch afirma:

[...] Em situações de interação face a face, o locutor não é o único responsável pela produção do seu discurso: trata-se, como diz Marcuschi, de uma atividade de co-produção discursiva, visto que os interlocutores estão juntamente empenhados na produção do texto: eles não só colaboram um



com o outro, como “co-negociam”, “co-argumentam”, a tal ponto que não teria sentido analisar separadamente as produções individuais. (1997, p. 69)

A linguista acrescenta que, muitas vezes, o locutor vê-se obrigado a “sacrificar” a sintaxe em favor das necessidades da interação. No texto falado, esse sacrifício se traduz na presença de falsos começos, anacolutos, orações truncadas, repetições e paráfrases. As duas últimas, segundo a autora, são utilizadas com o intuito de garantir a compreensão aos outros participantes da interação (1997, p. 70).

Para Koch, a conversação é organizada em turnos, que consistem em cada intervenção de um dos participantes no decorrer da interação. Ela considera que há interações simétricas e assimétricas. As simétricas seriam as conversas do dia-a-dia, em que todos os participantes têm igual direito ao uso da palavra. Já as interações assimétricas ocorreriam quando um dos participantes detém o poder da palavra e a distribui de acordo com a sua vontade. Entrevistas, consultas e palestras seriam exemplos de interações assimétricas.

No presente trabalho, também vamos considerar o debate radiofônico como um exemplo de interação assimétrica, por mais que o gênero possa ser confundido com uma interação simétrica, visto que em diversas ocasiões se assemelha a conversas do dia-a-dia. Na verdade, o debate trata-se de uma conversa mediada. O mediador conduz a interação e distribui os momentos de fala a cada participante.

O gênero debate é composto por convidados e por um mediador que vão discutir sobre um determinado tema, com o objetivo de iniciar uma conversação que exponha os diversos pontos de vista sobre a temática. Para André Barbosa Filho, o debate é um espaço de discussão coletiva em que os participantes apresentam ideias diferenciadas entre si (2003, p. 103). Robert McLeish considera que o debate deve fazer o ouvinte ficar a par de argumentos e contra-argumentos expressos em forma discursiva por pessoas que de fato sustentam suas opiniões com convicção sobre um tema de interesse público (2001, p. 107).

A jornalista Alda de Almeida faz uma reflexão sobre o aprofundamento que pode e deve ser atingido num programa de debate radiofônico:

Não basta martelar o ouvinte com notícias o tempo todo, criando inclusive o risco de o “intoxicar”. É necessário estabelecer conexões com o cotidiano, mostrar os fatos dentro do contexto em que aconteceram, numa relação de causa e efeito não somente a curto, mas principalmente a médio e longo prazo. E isso só os programas de aprofundamento conseguem fazer. Sem eles, há um real empobrecimento de conteúdo do veículo, que o transforma em uma espécie de “papagaio”, repetindo notícias, sem levar a nenhuma reflexão sobre elas. (2004, p. 48)



Em relação à entrevista, o jornalismo a entende de duas maneiras. Primeiro, como um instrumento de obtenção de informação; segundo, como um gênero, com suas características próprias. Para o professor Marcos Cripa, a entrevista é a matéria-prima do jornalismo e “é em sua essência o movimento de querer saber” (1998, p. 7).

De acordo com a jornalista e professora Cremilda Medina, “a entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais” (2004, p. 8). Para ela, a entrevista serve à pluralidade de vozes e à distribuição democrática da informação.

Em todos estes ou outros usos das Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano. Para além da troca de experiências, informações, juízos de valor, há uma ambição ousada que filósofos como Martin Burber já dimensionaram: o diálogo atinge a interação humana criadora, ou seja, ambos os partícipes do jogo da entrevista interagem, se modificam, se revelam, crescem no conhecimento do mundo e deles próprios. Esta situação, que pode ser rotulada de ideal, se realiza no cotidiano, até mesmo em uma entrevista jornalística levada às últimas consequências. (MEDINA, 2004, p. 8)

4. Rádio Debate

O Rádio Debate é um programa de debates e entrevistas radiofônicas que vai ao ar desde o ano de 1997 pela Rádio Universitária FM 107,9 MHz, de Fortaleza. A emissora é vinculada à Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura (FCPC), entidade de apoio à Universidade Federal do Ceará (UFC).

Atualmente, o programa vai ao ar de terça a sexta-feira, das 11h30 às 12h30, ao vivo. Na segunda-feira, no mesmo horário, sempre é reprisado um programa da semana anterior. As temáticas abordadas são variadas: cultura, arte, meio-ambiente, direitos humanos, saúde, educação, entre outros. Todos os assuntos são atuais, mas não necessariamente factuais. Os convidados são escolhidos da maneira mais diversa possível, prezando a pluralidade.

Apresentado desde o surgimento pelo professor e jornalista Agostinho Gósson⁵, o Rádio Debate é um dos mais respeitados programas de debate do Ceará. Pensado inicialmente pelo então assessor de imprensa da Associação dos Docentes da UFC

⁵ Professor aposentado do curso de Comunicação Social da UFC. Atualmente, também é ouvidor da mesma instituição.



(Adufc), jornalista Paulo Mamede⁶, o programa foi criado em meio a um “processo de sucateamento da Universidade”, utilizando palavras de Paulo.

Agostinho Gósson conta que o Rádio Debate surge num contexto de desvalorização da atividade acadêmica. A Adufc, sindicato dos professores da UFC, apoia a veiculação do programa.

[...] O conjunto da universidade, ensino, pesquisa e extensão, tudo ia num processo só de desvalorização por parte do governo federal. Então, a Adufc pensa na criação do projeto do Rádio Debate nessa perspectiva, de ser um espaço de rádio que fosse porta-voz dessas mobilizações contra o governo Fernando Henrique Cardoso, sobretudo da questão da privatização e das ameaças à privatização da universidade, da redução de verbas para educação e tudo mais. (AGOSTINHO GÓSSON, depoimento de 20/04/2012)

Paulo Mamede conta que o surgimento do Rádio Debate deu-se num período em que estudantes, professores e servidores reagiam às más condições das universidades públicas federais.

[...] Era um momento em que as associações, que o movimento sindical estava crescendo. Estava se colocando como uma força social, nacional, novamente, porque a ditadura, o golpe militar de 64, praticamente exterminou as lideranças sindicais, lideranças estudantis, lideranças trabalhistas. [...] O movimento sindical estava num período também de efervescência e se colocando como uma força social, política, na vida nacional. Então, tinha essa grande contradição. O processo de redemocratização do país não trouxe melhorias no financiamento da universidade, na questão da autonomia universitária. Pelo contrário, agravou a situação das universidades públicas federais. E houve uma reação de estudantes, professores, servidores... (PAULO MAMEDE, depoimento de 03/05/2012)

Todo esse contexto influenciou diretamente na linha editorial do programa na época da criação. Agostinho afirma que o programa tinha três objetivos naquele momento: ser porta-voz dos movimentos sociais organizados; defender a universidade pública, gratuita e de qualidade; e articular o pensamento e a produção científica e cultural da Universidade.

Com o início do mandato do presidente Luís Inácio Lula da Silva, em 2003, Agostinho conta que a linha editorial do programa se transforma:

[...] Com a eleição do Lula houve todo um redesenho das linguagens dos meios de comunicação, sobretudo àqueles que estavam vinculados ao movimento social organizado. Já não se tratava de combater o neoliberalismo, mas de fazer defesa a uma política de governo na área educacional que tivesse na direção de recuperar o patrimônio das

⁶ Atualmente, o jornalista é coordenador de Comunicação e Marketing Institucional da UFC.



universidades públicas de qualidade. (AGOSTINHO GÓSSON, depoimento de 20/04/2012)

Para Paulo, a linha editorial do Rádio Debate preza pela pluralidade e é totalmente livre de tabus.

Nós discutimos tudo. Discutimos desde salário, comportamento, cultura, questões ambientais... As minorias tem um espaço para se manifestar. Essa questão da pluralidade, não haver censura, não botar casca de banana para convidados. Lá, autoridades, representantes do governo são recebidos da mesma forma que são recebidos as lideranças trabalhistas, sociais, os setores marginalizados da população... [...] (PAULO MAMEDE, depoimento de 03/05/2012)

A jornalista Raquel Chaves, atual produtora do programa, define a linha editorial do Rádio Debate como “completamente livre”. Ela conta que o programa não possui público específico, o que garante mais liberdade, pois não é preciso adotar uma linguagem específica. A produtora também ressalta que o programa não possui amarras nem com anunciantes nem com a própria UFC.

O Rádio Debate é um projeto de extensão da UFC, por isso, durante quase toda existência, contou com um bolsista do curso de Jornalismo que auxilia na produção. Atualmente, os patrocinadores do programa são: Associação dos Docentes da UFC, Sindicato dos Médicos e Expressão Gráfica.

Para Agostinho, os atuais anunciantes não prejudicam a liberdade do programa. O professor afirma que, se um dia essa liberdade for posta em xeque, é preciso abrir mão dos apoiadores.

Com todo respeito a todos os patrocinadores que a gente tem [...], mas em primeiro lugar vem o Rádio Debate. E se a gente tiver que sacrificar qualquer um desses apoiadores, a gente sacrifica, mas o Rádio Debate continua, porque a gente acredita que há uma necessidade de um espaço como esse. O Rádio Debate já não é uma marca só da Rádio Universitária, porque quando você cria um espaço desses, a sociedade se apropria dele, porque ela precisa desse espaço para dar vazão a esses questionamentos que ela quer fazer, que em outros planos isso não ocorre. Na mídia tradicional, isso não pode ocorrer como ocorre aqui. [...] É um espaço da sociedade cearense. (AGOSTINHO GÓSSON, depoimento de 20/04/2012)

Raquel Chaves conta que há três tipos de realização do Rádio Debate: entrevistas, debates entre participantes com opiniões contrárias e debates em que todos participantes possuem linhas de pensamento semelhantes. Comparado à quantidade de debates, poucas são as entrevistas que ocorrem no Rádio Debate. Raquel afirma que a entrevista só é feita quando há pretensão de aprofundar mais um determinado tema, mas que é evitada por não ser o formato original do programa.



Em relação às duas formas de debate, nem sempre é preciso haver embate de ideias. Um exemplo é o programa que debateu Educação Inclusiva, no dia 12 de abril de 2012. Para a produtora, em temáticas desse tipo, é difícil um convidado discordar do outro, geralmente as opiniões se complementam.

O outro tipo de debate, em que há opiniões em confronto, geralmente ocorre quando há interesses contrários entre os participantes. Um exemplo é o programa que trata sobre a Greve dos Professores do Estado do Ceará, veiculado no dia 6 de outubro de 2011. Os participantes foram: um membro do Sindicato Estadual dos Professores (Apeoc), a secretária estadual de Educação Básica do Ceará e uma professora autônoma. Os participantes pareciam possuir um interesse comum, que era o fim da greve, mas possuíam pontos de vistas divergentes, pois um representava o governo e outros dois, a classe trabalhadora.

5. O papel do mediador

Como já mencionado, o Rádio Debate é um programa essencialmente de debates, mas que, por vezes, ocorrem entrevistas. Por isso, discutiremos apenas o papel do mediador, e não o do entrevistador. Na literatura da área que aborda o gênero há um grande impasse sobre a função de cada sujeito no momento do debate, principalmente no que diz respeito ao papel do mediador.

Para Barbosa Filho, “o debate pressupõe a presença de defensores de ideias que possam expor valores sem a presença, no ar, de assessores, especialistas e comentaristas”. O autor ressalta: “O debatedor está sozinho para defender seus princípios” (2003, p. 103).

Patrick Charaudeau refere-se ao mediador como um representante da instância midiática e o nomeia “animador”. Segundo ele, o mediador ou “animador” possui uma forte presença no debate, que por vezes é marcada por atitudes controversas e por um desempenho, de certa forma, canastrão. Charaudeau atribui ao “animador” o papel de “gestor da palavra”.

Ele faz perguntas, distribui os turnos de fala, tenta atenuar as intervenções mais agressivas, pede explicações e chega mesmo a provocar reações ao funcionar como advogado do diabo, forçando o traço dramático ou emocional de uma acusação ou representando o confidente. Além disso, constrói um plano de tratamento do tema através de uma grade de leitura que se baseia, em parte, sobre documentos e pesquisas, mas cuja organização é centrada em pontos-chave (escândalos, vítimas) suscetíveis de provocar reações de revolta ou de compaixão. Assim, o animador se acha preso, por sua vez, nas

exigências de seu papel, na medida em que o quadro de questionamento que deve desenvolver é o oposto da representação idealizada do questionamento que ajudaria o cidadão a melhor compreender os fenômenos sociais: ele está mais voltado para a criação de uma cena polêmica ou ultra-intimista, dramatizante, que preencha uma função de catarse social e não de conhecimento dos temas tratados. (CHARAUDEAU, 2007, p. 219-220)

Já para Robert McLeish, a posição do mediador do debate é bem diferente da pensada por Charaudeau. Ela deve ser mais contida e prezar pela imparcialidade. Para o papel de mediador, McLeish considera que, além de uma boa voz para o rádio e um aguçado senso de *timing*, “o ideal é que seja uma pessoa culta, firme, sensível, de raciocínio rápido, imparcial e educada. Ele ou ela deverá estar interessado em quase tudo e precisará ter senso de humor” (2001, p. 109).

De acordo com Agostinho Gósson, mediador do Rádio Debate, o mediador do debate radiofônico não deve emitir a própria opinião. Ele afirma que o mediador só deve colocar sua opinião quando discordar em essência e princípio do convidado:

Em essência e principio, o mediador tem que concordar com os seus interlocutores. No varejo, não tem importância o que o apresentador tem [ou pensa] para o programa. Se alguém vem aqui atacar os direitos humanos, aí o mediador diz assim, “não, aqui nesse programa nós defendemos [os direitos humanos]...”. Não tiro a palavra da pessoa, mas passo a discordar dela. Se o cara vai defender a redução penal para prisão de adolescentes, [aí o mediador deve dizer], “não, nós concordamos aqui com o Estatuto da Criança e do Adolescente”. (AGOSTINHO GÓSSON, depoimento de 20/04/2012)

Agostinho tem uma postura bastante informal na apresentação do programa. É comum ele falar com a produção ou com o técnico de áudio enquanto o programa está no ar. Quando ele percebe que algum convidado está dominando o debate, ele espera a pessoa terminar a fala e logo passa para outra pessoa.

O meu ponto de vista é menos importante. Não é que eu não tenha, eu tenho minhas convicções, opiniões, mas, para o ouvinte, [...] se eu trago alguém pra falar, ele quer ouvir o que a pessoa tem pra falar. Eu tento manter esse distanciamento em relação àquilo que eu penso e defendo, e deixo os interlocutores falarem. E tento, na medida do possível, estabelecer de uma maneira intuitiva a participação de cada um no que diz respeito à formação das vozes do programa. (AGOSTINHO GÓSSON, depoimento de 20/04/2012)

Desde o surgimento do programa, o jornalista Paulo Mamede é o substituto de Agostinho na apresentação do programa. Mamede tem uma postura diferente da de Gósson, expondo com mais frequência os seus pensamentos.

Eu faço um jornalismo muito opinativo. Eu faço uma autocrítica, porque eu acho que você tem mais é que mediar, e não opinar. Dependendo do tema,



uma autocrítica que eu faço como profissional, é que às vezes eu sou muito opinativo, mais do que deveria ser. O Agostinho não, ele conduz o programa de uma forma mais calma. Eu gosto de programa mais de confronto, de debate de ideias mesmo, de embates, mas o bom embate, do aprofundamento político... Eu já vi várias pessoas chegarem para mim e dizerem “gosto do estilo que você apresenta o programa”, outras dizem que preferem o Agostinho. Eu, pessoalmente, prefiro o Agostinho. (PAULO MAMEDE, depoimento de 03/05/2012)

6. Conclusões

Sustentados principalmente pelo pensamento do filósofo russo Mikhail Bakhtin, concluimos no presente artigo que o debate e a entrevista radiofônica se configuram como autênticos gêneros do campo do radiojornalismo, possuindo, cada um, suas especificações.

Concluimos também, a partir da literatura sobre debate radiofônico, que há divergências em relação a qual deve ser a postura do mediador. A partir do olhar sobre o Rádio Debate, percebe-se que a mediação do programa fica dividida entre o que propunha André Barbosa Filho e Robert McLeish. Em relação às ideias de Patrick Charaudeau, percebe-se que o tipo de debate que ele aborda é totalmente contrário à proposta do programa Rádio Debate.

Consideramos que ainda existem alguns caminhos a serem percorridos em relação a presente pesquisa que envolve o programa Rádio Debate. Aqui, deixamos de abordar vários importantes aspectos e outras problematizações possíveis, tanto por questões espaciais, quanto pelo desenvolvimento da própria pesquisa, ainda em andamento.

7. Bibliografia

ALMEIDA, Alda de. *O gênero debate e o mito da superficialidade no rádio: a experiência do programa Além da Notícia*. Estudos em Jornalismo e Mídia, 2004. Disponível em: www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1897/1806.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARBOSA FILHO, André. *Gêneros Radiofônicos: os formatos e os programas em áudio*. São Paulo: Paulinas, 2003.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2007.



CRIPA, Marcos (org.). *Entrevista e ética: uma introdução*. São Paulo: Educ, 1998.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. 3ª edição. São Paulo: contexto, 1997.

MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. São Paulo: Senac, 2001.

MARCUSCHI, Antônio Luiz. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 1998.

MCLEISH, Robert. *Produção de rádio: um guia abrangente de produção radiofônica*. São Paulo: Summus, 2001.

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 2004.

LIMA, Raimundo Nonato de. *Dialogismo, polifonia e argumentação: efeitos de objetividade/imparcialidade na notícia radiofônica*. 2002. 172 f.. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

VELEZ, Maria Margarita Londoño. *As folhas do diário: um estudo dos gêneros jornalísticos e mudanças na Folha de S. Paulo*. 1985. 180 f.. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.